

A VIVÊNCIA DO DESALENTO ENTRE JOVENS RECÉM-FORMADOS

THE EXPERIENCE OF DISILLUSIONMENT AMONG RECENT GRADUATES

Daniele de Souza Paulino¹, Fellipe Coelho-Lima², Pedro F. Bendassolli³

¹Doutora. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Contato: paulino223@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Contato: fellipecoelho@unir.br

³Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Contato: pbendassolli@gmail.com

Resumo

A inserção de jovens no mercado de trabalho enfrenta desafios, especialmente diante do aumento da informalidade. Muitos recém-formados postergam ou abandonam suas áreas de atuação, fenômeno que pode ser compreendido como desalento. Este artigo visa analisar as vivências de jovens nesse contexto. Utilizamos o método da Trajetória de Equifinalidade, uma abordagem gráfico-qualitativa baseada na perspectiva histórico-cultural, realizando dez sessões aprofundadas com duas jovens recém-graduadas, de 28 e 29 anos. Os resultados revelam uma "colisão dramática", caracterizada por uma ruptura entre as expectativas profissionais e a realidade, com diversos bloqueios e ambivalências. Esse processo envolve uma complexa interação de fatores promotores e inibidores na construção da biografia laboral dessas jovens. Por fim, discutimos as vantagens desse método gráfico e interventivo para refletir sobre a transição dos jovens da universidade para o mercado de trabalho, fornecendo novas perspectivas sobre os desafios dessa trajetória.

Palavras-chave: desalento juvenil; carreira; sentido do trabalho; desemprego; precarização.

Abstract

The integration of young people into the labor market faces significant challenges, particularly in light of the increasing prevalence of informal employment. Many recent graduates postpone or abandon their professional aspirations, a phenomenon that can be understood as a form of disillusionment. This article aims to analyze the experiences of young individuals in this context. We employed the Equifinality Trajectory method, a qualitative-graphical approach grounded in the historical-cultural perspective, conducting ten in-depth sessions with two recently graduated young women, aged 28 and 29. The findings reveal a "dramatic collision," characterized by a rupture between professional expectations and the reality encountered, marked by various barriers and ambivalences. This process involves a complex interplay of promoting and inhibiting factors in the construction of these young women's labor biographies. Finally, we discuss the advantages of this graphical and interventionist method for reflecting on the transition from university to the labor market, offering new insights into the challenges of this trajectory.

Keywords: youth disillusionment; career; meaning of work; unemployment; job precariousness.

Editor-associado: Pedro Henrique Chaves Cardoso

Recebido em: 29/02/2024

Aceito em: 13/08/2025

Publicado em: 21/08/2026

Citar: Paulino, D. de S., Coelho-Lima, F., & Bendassolli, P. F. (2026). A vivência do desalento entre jovens recém-formados. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, 14(1), 119-137.

Introdução

No Brasil, os jovens enfrentam inúmeros desafios, entre eles os altos índices de desemprego, informalidade e precarização do trabalho. Um exemplo claro é que, em 2023, 31,3% dos indivíduos entre 18 e 24 anos estavam desempregados; 36% não estudavam nem trabalhavam; e 21,6% não conseguiram uma ocupação condizente com sua formação no ensino superior (IBGE, 2023). Na origem desse cenário está o próprio funcionamento do sistema capitalista, especialmente sua tendência de reduzir a oferta de empregos, tanto pela introdução contínua de novas tecnologias quanto pela necessidade de controle sobre os salários. A juventude é um dos grupos mais impactados por essa redução estrutural de vagas (Alves & Fonseca, 2013).

O termo juventude é de difícil definição, pois está intrinsecamente relacionado a contextos sociais, econômicos e políticos diversos. Em termos gerais, a ideia de juventude surgiu com o aumento da expectativa de vida e se consolidou durante a Revolução Científica e a sociedade industrial, sendo vista como uma fase de transição entre a adolescência e a vida adulta (Bernardim, 2013). Nesse contexto, a juventude é marcada pela preparação para atividades adultas, como trabalho e constituição familiar, caracterizando-se como um período de moratória social e transição.

O conceito de "adulter emergente", que se refere à fase entre os 18 e 25 anos, é relevante, mas não universal, variando de acordo com fatores culturais e socioeconômicos. No Brasil, essa fase frequentemente resulta mais de uma dificuldade de integração social e profissional do que de uma escolha deliberada, uma vez que nem todos os jovens têm a opção de prolongar seu tempo de qualificação (Felinto, Gauer, Rocha, Braun, & Dias, 2020).

Assim, ao tentar entender a juventude além de uma definição etária que tende a universalizar as experiências dessa fase da vida, adotamos uma abordagem que a considera uma construção social e histórica, influenciada por critérios biológicos, mas, principalmente, por fatores histórico-sociais que refletem o desenvolvimento do capitalismo e suas necessidades em diferentes momentos. Particularmente, o trabalho desempenha um papel central no desenvolvimento do psiquismo juvenil e na construção de sua identidade pessoal (Trancoso & Oliveira, 2014). Nesse sentido, dada a centralidade do trabalho nessa etapa da vida, buscamos entender as razões que levam os jovens a abandonarem a busca por emprego ou a questionarem a relevância de ingressar no mercado de trabalho. Um termo que captura esse fenômeno complexo é o de "desalento" (Ericson, 2019).

Essa nomenclatura foi utilizada pela primeira vez na década de 1950, tendo sido rapidamente incorporada pelas agências de mensuração das dinâmicas do mercado de trabalho (Ericson, 2019). No Brasil, o IBGE e o DIEESE utilizam o conceito de desalento para descrever o trabalhador apto ao trabalho mas que, no entanto, decide não buscar mais emprego (IBGE, 2018; Oshiro & Marques, 2016).

Na década de 1970, novas perspectivas sobre a relação juventude-trabalho surgiram, investigando por que jovens desistiam de procurar emprego. Uma delas sugeria que os jovens tinham dificuldades em se adaptar aos rigores do trabalho e preferiam investir em sua vida social, livre de obrigações e repleta de entretenimento (Tommasi, 2012). Estudos também relacionavam a juventude a práticas delituosas, especialmente quando se consideravam variáveis como raça, gênero, condição econômica e status social (Cruz & Pereira, 2021). Essa abordagem deu ao debate um viés moralizante, desviando-se das causas materiais do desalento (Souza, 2009; Tommasi, 2012).

Nesse cenário, o desalento juvenil em relação ao trabalho passou a ser psicologizado, com foco inicial na esfera individual (Silva, 2011). Exemplos disso são abordagens centradas em estratégias de coping, como o fortalecimento da resiliência, otimismo, iniciativa, autoeficácia e autonomia (Merino, Privado, & Arnaiz, 2019). Embora essas estratégias tenham sua importância, elas não são suficientes para explicar o desalento juvenil, pois suas causas são, em grande parte, objetivas, relacionadas à organização capitalista. Além disso, o contexto contribui para uma crescente vulnerabilidade psicológica entre os jovens. A ausência de resultados concretos na busca por emprego gera sentimentos de depressão, insegurança, isolamento e desesperança (Schmidt, Januário, & Rotoli, 2018), além de aumento do estresse e ansiedade (Ayala, García, & Ponte, 2016).

Outra estratégia amplamente defendida é o investimento em educação. No senso comum, a qualificação é vista como a solução para o desemprego e o desalento. No entanto, essa relação é falaciosa (Heringer, 2018). Globalmente, há um crescimento do número de jovens recém-formados que não conseguem ocupar vagas condizentes com sua formação, sendo obrigados a aceitar empregos precarizados ou informais (Alves & Fonseca, 2013). É esse público que investigaremos nesta pesquisa.

Ao contrário de abordagens individualistas, adotamos neste estudo a perspectiva da psicologia histórico-cultural para analisar o desalento juvenil (Martins, 2020; Vigotski, 2013). Nessa perspectiva, o trabalho é uma atividade de mediação entre o sujeito e seu contexto, por meio da qual ocorre o desenvolvimento psicológico (Bendassolli & Gondim, 2014). O desalento, portanto, representa um bloqueio na mobilização das energias psíquicas, implicando em um duplo movimento tensional: de um lado, a importância do trabalho; de outro, sua escassez. No caso dos jovens, esse bloqueio reflete o que Vigotski chama de "drama" (Vigotski, 1991), envolvendo a colisão entre ideais (obter um trabalho, nele desenvolver-se e progredir) e a realidade (o desemprego estrutural).

O drama acima aludido é vivido na situação social de desenvolvimento (SSD), uma relação única entre o indivíduo e seu contexto. Vigotski (1991) argumenta que a SSD é apreendida pela análise da vivência (*pereživânie*), ou seja, a forma pessoal como o sujeito internaliza e reflete um evento dramático, integrando-o cognitivamente e afetivamente (Veresov, 2017). Nesse contexto teórico, definimos o desalento como uma ruptura nas expectativas de ocupar um lugar socialmente desejável ou

"obrigatório" na transição para a vida adulta. Embora não necessariamente implique em uma ruptura definitiva, um estado "final" ou destino, o desalento é uma condição propícia ao sofrimento, mas também à remobilização do sujeito para sua superação. O desfecho do desalento é, pois, produto do modo como o drama que ele representa é psicossocialmente compreendido e manejado.

Neste artigo, que resulta de uma pesquisa empírica, o objetivo central é analisar as vivências de jovens em relação ao desalento. A estrutura do texto reflete uma abordagem investigativa de caráter qualitativo e clínico-interventivo, pois não se limita apenas a descrever essas experiências, mas busca oferecer aos participantes a oportunidade de refletir sobre sua própria situação dramática e vislumbrar possíveis caminhos transformativos, ainda que iniciais. Na seção dedicada ao método, são detalhadas as técnicas centrais utilizadas no estudo, destacando a Trajetória de Equifinalidade, fundamentada na perspectiva histórico-cultural. O modo como os resultados obtidos com a aplicação dessa técnica é apresentado também decorre de sua concepção, sendo intercalados com o referencial teórico subjacente. Em uma seção específica, é proposta uma triangulação dos casos representados pelos participantes. O artigo finaliza com algumas considerações sobre as implicações para a pesquisa relacionada ao trabalho e ao desalento entre os jovens.

Método

Processo de acesso e definição dos participantes

A escolha dos participantes baseou-se na estratégia de "convite socialmente estruturado", que leva em consideração as trajetórias de vida dos sujeitos em sua dimensão temporal (passado, presente e futuro), buscando captar seus desejos, planos e experiências, especialmente aquelas que estão ocorrendo no presente (Valsiner & Sato, 2006). Esse método prático visou selecionar pessoas que estivessem vivenciando uma ruptura de expectativas em relação ao trabalho, ou seja, que não estivessem atuando conforme o esperado naquele momento de vida.

Como resultado, os participantes deveriam estar emocional e/ou cognitivamente impactados por essa situação, percebendo-a como um conflito ou uma força mobilizadora. Assim, não foram incluídas pessoas que já haviam desenvolvido estratégias para lidar com a condição ou para as quais a questão deixara de ser relevante. Apenas foram selecionados indivíduos que se sentiam paralisados pela mencionada ruptura de expectativas profissionais. O contato com os potenciais participantes ocorreu por meio da divulgação da pesquisa nas redes sociais, utilizando-se um folder e um vídeo explicativo, no qual as características da pesquisa eram mencionadas e um convite para participar era feito.

Após o convite, e com o grupo que aceitou participar da pesquisa, foi realizada uma triagem com um roteiro preestabelecido para determinar a inclusão da pesquisa. Os critérios objetivos, além

da supracitada mobilização (critério subjetivo), foram: 1) ter concluído o ensino superior, 2) estar na faixa etária entre 22 e 29 anos, e 3) ter tempo de formação suficiente para identificar que estavam trabalhando fora de sua área de formação. Não foram exigidos cursos específicos, que foram definidos posteriormente. Além disso, os participantes não poderiam estar formalmente empregados, uma vez que o objetivo era investigar o desalento profissional.

Inicialmente, cinco pessoas demonstraram interesse em participar. No entanto, após a triagem, apenas duas foram selecionadas para a entrevista. As outras três não foram incluídas por diferentes motivos: uma não havia concluído o ensino superior, outra não atendia ao critério de idade, e a terceira estava empregada formalmente. Para essas jovens, foi explicado, em uma conversa, o motivo da não inclusão, e caso demonstrassem necessidade de apoio emocional, foi oferecida a possibilidade de encaminhamento para atendimento psicológico ou psicoterapia, conforme suas necessidades.

As duas participantes selecionadas transformaram o estudo em uma pesquisa de casos múltiplos (Stake, 1995; Yin, 2005). Ambas são mulheres: Maria Flor, de 28 anos, formada em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda; e Madalena, de 29 anos, formada em Serviço Social. A seção seguinte detalha o procedimento envolvido na obtenção das informações com essas duas participantes.

Processo de construção das informações

A técnica de obtenção de informações utilizada foi o Trajectory Equifinality Model (TEM). Baseada na perspectiva histórico-cultural, essa metodologia permite investigar as vivências relacionadas à trajetória profissional dos participantes. Esse modelo tem sido utilizado em pesquisas conduzidas no Brasil nos últimos anos. Por exemplo, na investigação realizada por Valério (2013), a TEM foi empregada para explorar a construção de significados em pretendentes à adoção, buscando compreender como eventos disruptivos na vida familiar, como a incapacidade de ter filhos biológicos, levavam as famílias a considerar a adoção. A TEM possibilitou a análise de como momentos marcantes na vida das pessoas, chamados "pontos de bifurcação", influenciavam a decisão de adotar uma criança, além de revelar os significados pessoais e culturais associados a essa escolha.

Outro exemplo do uso da TEM ocorre em Bastos (2016), que reconstruiu as histórias de seis irmãs sobre o processo de se tornarem mães. Nesse caso, a técnica metodológica permitiu estabelecer conexões entre passado, presente e futuro nas trajetórias das entrevistadas, acessando os significados construídos durante esse processo e as tensões entre as possibilidades não vividas e as efetivamente realizadas em relação à maternidade.

Objetivamente, a TEM consiste em uma representação gráfica da trajetória de vida de uma pessoa, com ênfase nos "pontos de bifurcação", crises e tensões, momentos nos quais sentidos e

significados são mobilizados. Parte-se do princípio de que a vida humana é um sistema aberto, no qual várias (senão infinitas) possibilidades podem levar a um mesmo ponto ao longo do tempo. Isso implica que a pessoa está sujeita à equifinalidade, i.e., ao fato de um determinado estado atual – neste caso, sua trajetória profissional – poder ser alcançado partindo de diferentes condições iniciais e materializar-se em distintas configurações. Esse estado pode ser descrito como "campo de equifinalidade" (CE) (Sato & Tanimura, 2016).

Assim, a TEM facilita a reconstrução das trajetórias profissionais, marcadas tanto por escolhas e opções não realizadas, vistas como obstáculos, quanto por novas oportunidades e aberturas ao longo do tempo irreversível. Essa reconstrução é feita por meio de entrevistas, durante as quais o pesquisador investiga os principais momentos da trajetória do participante, com especial atenção aos pontos de ruptura, i.e., às transições e momentos decisivos, quando uma decisão crucial foi tomada ou impedida (Sato & Tanimura, 2016).

No total, foram realizadas cinco sessões com cada uma das participantes da pesquisa, com duração média de uma hora cada. As sessões foram conduzidas pela primeira autora deste artigo e ocorreram de forma remota, através da plataforma Google Meet. As entrevistas foram gravadas usando um aparelho celular, com o objetivo de facilitar a transcrição posterior. Em relação ao tempo de duração, o processo de realização das entrevistas ocorreu ao longo de 72 dias. Optamos por intervalos entre as sessões para manter a coerência com a abordagem teórico-metodológica adotada, que busca captar o desenvolvimento contínuo da trajetória dos participantes. Esses intervalos também permitiram a elaboração dos materiais por parte da pesquisadora e das entrevistadas, auxiliando na condução dos encontros subsequentes.

Tabela 1

Dimensões consideradas para a condução da TEM

Dimensões analisadas	Definição
História de vida	Exploração da história de vida da participante com foco nas questões relacionadas ao trabalho
Campo de equifinalidade (CE)	O momento de vida atual não esperado pela pessoa, em termos de sua situação profissional
Bloqueios de significação (BS)	Os impedimentos e desencontros que afastaram o participante de seu objetivo inicial em relação ao trabalho
Campos de bifurcação (CB)	Correspondem à descontinuidade da trajetória, com aberturas para distintas possibilidades de seguimento, as quais são influenciadas por fatores pessoais, canalizadores e marcadores sociais e culturais

Pontos de passagem obrigatórios (PPOs)	Cursos de ação dos quais o participante não tinha como escapar, revelando-se como passagens obrigatórias após a descontinuidade ou ruptura em sua trajetória profissional
Campo de equifinalidade polarizado (CEFP)	Consiste na tensão entre o CE atual e seu contraponto, sendo aqui representado pelo lugar preenchido pelo trabalho idealizado (ou seja, o contraponto da situação atual de não estar atuando no trabalho desejado)
Signos promotores	Produzem novos significados e possibilidades de ação
Signos inibidores	Promovem rigidez ao sistema de significados pessoais, dificultando o surgimento de significados alternativos como também as possibilidades de ação

Fonte: baseado em Sato e Tanimura (2016).

Na primeira sessão, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), solicitando a anuência da participante (o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética pertinente, número CAAE 43353520.3.0000.5537). A entrevista propriamente dita começou com a seguinte pergunta disparadora: “Gostaria que você me contasse um pouco sobre como chegou à sua situação atual em relação ao trabalho?”. A partir dessa pergunta, a pesquisadora incentivava a participante a detalhar sua trajetória, explorando as expectativas iniciais e os eventos que a levaram à situação atual.

A primeira entrevista focou em alguns aspectos-chaves sugeridos pela TEM (Valério, 2019), conforme o Quadro 1. Em síntese, foram explorados a história de vida da participante; o momento profissional atual, não necessariamente desejado pela participante; os bloqueios de significação representados pela situação profissional atual; as rupturas na trajetória da carreira (ou bifurcações); as posições ou situações concretas pelas quais passou a participante; e alguns aspectos percebidos como promotores ou inibidores da situação profissional da participante.

Com base nas informações obtidas na primeira sessão, uma versão inicial do gráfico representando a trajetória da participante foi apresentada no segundo encontro. O objetivo era confirmar ou ajustar a representação da sua trajetória profissional. Esse recurso, elaborado a partir de palavras-chave anotadas pela pesquisadora durante a entrevista, tinha como finalidade provocar as primeiras impressões da participante sobre a visualização de sua trajetória e possibilitar algumas explorações iniciais.

A partir desse ponto, o encontro assumiu um caráter clínico, no qual a participante era convidada a refletir sobre suas escolhas e possibilidades. A ideia era que, ao narrar sua trajetória, a participante conseguisse se distanciar minimamente dela, tornando-a objeto de sua própria análise (Valério, 2019). A sessão se encerrava com uma "lição de casa" sugerida individualmente. As atividades

eram propostas com base nos Bloqueios de Significação (BS) identificados pelas entrevistadas. Foi estabelecido um intervalo de duas semanas entre o final dessa sessão e o próximo encontro.

Da terceira seção em diante, o foco passou a ser a exploração dos Bloqueios de Significação (BS). A entrevista seguia de forma aberta e dialogada, a partir desta questão inicial: “Conte-me como foi realizar o exercício proposto e quais BS você conseguiu identificar.” Com base nas respostas, a pesquisadora explorava comportamentos como hesitação, tensão, dúvidas, ambivalências e dificuldades. Ao final, cada participante era convidada a pensar sobre uma linha de ação possível para o desenvolvimento de sua trajetória profissional.

Vinte dias depois, realizou-se a quarta sessão, centrada nas possibilidades de ação identificadas. O objetivo era auxiliar a participante a transformar essas possibilidades em ações concretas, antecipando eventuais obstáculos ou bloqueios, além de avaliar o uso de recursos pessoais e coletivos e promover novas produções de significados. O último encontro, realizado um mês após o anterior, revisou o gráfico da trajetória, verificando se as ações foram efetivamente implementadas, e avaliou suas implicações. Também serviu para validar o processo de pesquisa desde o primeiro encontro e fazer um balanço das lições aprendidas.

Sobre o (não) reconhecimento da violência

A orientação metodológica central desta pesquisa é ideográfica, fundamentada na análise microgenética de casos típicos (Molenaar & Valsiner, 2005). O foco analítico principal foi identificar o processo de produção de sentidos e significados a partir da situação real de conflito vivida por jovens que não atuavam em suas áreas de formação.

Foram utilizados três eixos de análise, em conformidade com os princípios da TEM (Valério, 2019). O primeiro eixo se referiu à reconstrução da trajetória de vida de cada participante até o atual Campo de Equifinalidade (CE), onde ela lida com os Bloqueios de Significação (BS). Ver Tabela 1. Essa reconstrução foi representada graficamente por meio de ferramentas do PowerPoint. O segundo eixo concentrou-se na análise das terceiras, quartas e quintas entrevistas, que exploraram a relação do jovem com os BS (Bloqueio de Significação) e o delineamento de possibilidades de ação (projeções futuras), mediado pela atividade desenvolvida por cada participante. Nesse eixo, foram empregados conceitos como ambivalência, tensão, processos imaginativos subjacentes e o campo de multifinalidade, isto é, as opções que os participantes vislumbraram como metas e objetivos após o CE. Por fim, o terceiro eixo de análise buscou possibilitar a triangulação dos resultados das entrevistas de cada participante, com o objetivo de promover uma discussão sobre as implicações mais amplas e os desdobramentos dos resultados obtidos.

Resultados e Discussão

Maria For

Maria Flor, uma jovem branca de 28 anos formada em Publicidade e Propaganda, é filha de uma empregada doméstica e vendedora de cosméticos e semijoias. Sua relação com o ensino superior foi delineada pela busca de romper com o histórico familiar de trabalhos precários e mal remunerados, funcionando como um signo promotor. Desde o ensino médio, Maria Flor projetou-se para ingressar em uma universidade pública, o que constituiu seu primeiro Ponto de Passagem Obrigatória (PPO) em sua trajetória.

Sendo a primeira pessoa de sua família a ingressar no ensino superior, Maria Flor atribuiu um significado profundo a esse marco. Com o tempo, o ambiente universitário assumiu um papel central em sua vida, e ela passou a se engajar em diversas atividades acadêmicas além de seu curso, como grupos de pesquisa e congressos. No entanto, conforme relatado, a imersão no espaço universitário fez com que negligenciasse o planejamento de sua carreira, especialmente quanto às suas perspectivas de atuação após a conclusão do curso. Ao refletir sobre isso, Maria Flor se emocionou, reconhecendo que desenvolveu uma visão idealizada e fantasiosa sobre o impacto da graduação, imaginando que sua vida mudaria substancialmente após obter o diploma. No entanto, ao concluir o curso, foi confrontada pelo desemprego.

Durante a graduação, Maria Flor demonstrava facilidade nas atividades acadêmicas nas quais estava envolvida, mas não se identificava com as oportunidades de estágio oferecidas, o que funcionava como um signo inibidor. Essa situação a levou a reconsiderar sua escolha pelo curso de Publicidade e Propaganda, constituindo um campo de bifurcação, onde cogitou outras trajetórias. Ela chegou a considerar cursar Psicologia, mas optou por concluir a graduação devido a questões emocionais que a impediram de enfrentar uma transição, configurando assim seu segundo PPO.

Posteriormente, após participar de um processo de reorientação profissional e influenciada por um professor de Ciências Sociais, Maria Flor encontrou na pós-graduação em Ciências Sociais uma possibilidade de permanecer vinculada à área acadêmica. O mestrado, naquele momento, representou uma alternativa ao trabalho formal, funcionando como uma fonte de identificação, embora em alguns momentos fosse pesado para ela o fato de estar apenas estudando. Apesar de o mestrado oferecer uma certa organização identitária, permitindo que Maria Flor dissesse à sua família que estava envolvida em um projeto acadêmico, também foi fonte de autocobrança excessiva e resultou em adoecimento psicológico, decorrente das pressões para finalizar essa etapa.

O quadro de adoecimento persistiu após a conclusão do mestrado. Maria Flor se viu novamente em um "não-lugar", sem emprego e sem vínculo acadêmico, configurando seu terceiro

PPO. Essa ruptura agravou seus processos depressivos e ansiosos, levando-a à necessidade de tratamento psiquiátrico.

Após alguns meses desempregada e enfrentando desafios psíquicos, surgiu a oportunidade de atuar como bolsista em um evento na área de Educação Física, na mesma universidade onde se formou. Em seguida, trabalhou como assistente administrativa em uma empresa terceirizada que prestava serviços para a universidade. Entretanto, a falta de pagamento por parte da empresa tornou sua situação insustentável, culminando em sua saída e consequente demissão (quarto PPO). Em paralelo, tentou ingressar no doutorado, mas sem sucesso. Além disso, iniciou um curso de formação em psicanálise, que precisou suspender devido às dificuldades financeiras para pagar as sessões de análise, etapa obrigatória da formação. A escolha pela psicanálise estava conectada a um desejo antigo de cursar Psicologia, o que configurava uma trajetória sombra em sua biografia.

No momento da pesquisa, o Campo de Equifinalidade (CE) de Maria Flor é caracterizado por um Bloqueio de Significação (BS), manifestado pelo conflito entre duas opções antagônicas, conforme ilustrado na Figura 1 (Campo de Equifinalidade Polarizado – CEFPP). De um lado, há a necessidade de um trabalho de subsistência, motivada tanto pela exigência de contribuir financeiramente com sua mãe quanto por suas próprias necessidades e o desejo de continuar investindo em sua formação. De outro lado, encontra-se a perspectiva de dar continuidade à carreira acadêmica por meio de um doutorado, opção que, além de não oferecer retorno financeiro imediato, é marcada por incertezas.

Ao final da entrevista, foi proposta à participante a tarefa de construir uma linha do tempo que descrevesse seus projetos para o ano corrente, bem como suas projeções para os próximos dez anos. No encontro seguinte, Maria Flor apresentou a representação dessa linha do tempo.

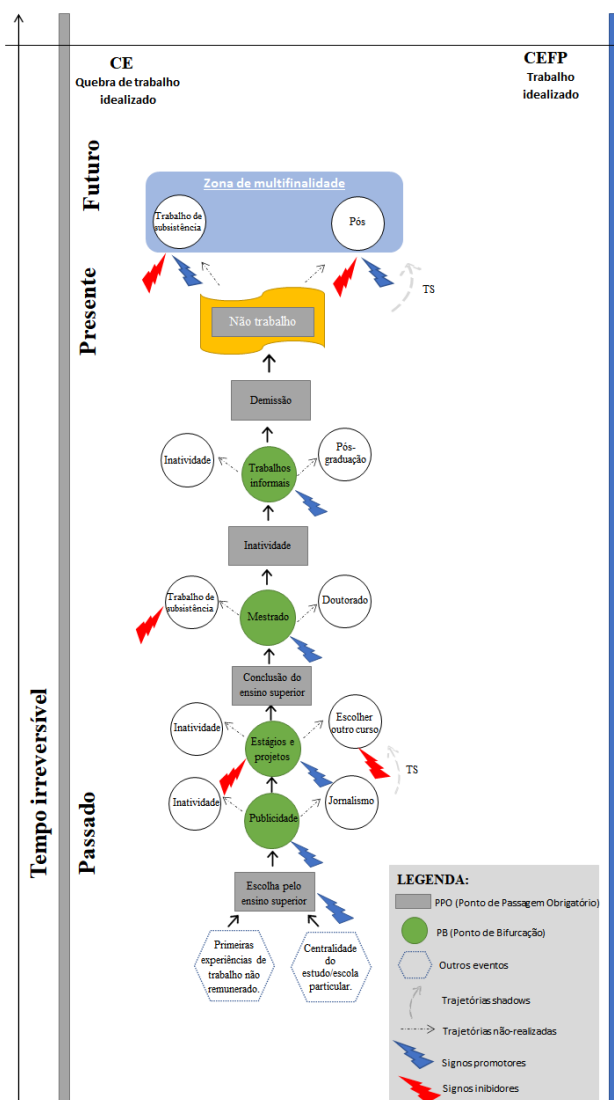
O ponto de chegada que orientou a construção da linha foi a ambição de, ao final de uma década, ocupar o cargo de professora universitária. No entanto, para lidar com as necessidades financeiras imediatas e construir um percurso que a levasse a essa posição, Maria Flor destacou a importância de se preparar para a aprovação em um concurso do IBGE, cujas inscrições estavam abertas naquele momento. Apesar de ter mencionado essa decisão, sua orientação no curto prazo era voltada para atividades mais imediatas, como a venda de semijoias e a atuação como professora de aulas de reforço, para garantir sua subsistência.

Quanto ao seu conflito interno, Maria Flor reconheceu que seu objetivo era claro: continuar investindo em sua trajetória acadêmica, com o foco no projeto de doutorado. Contudo, ela relatou sentir-se pressionada pelas preocupações financeiras decorrentes do desemprego, bem como pelas cobranças de seus pais, que a confrontavam por sua situação de "não-trabalho". Apesar dessa clareza quanto ao seu objetivo, Maria Flor também revelou que sua paralisação diante do Bloqueio de Significação (BS) parecia ser fruto de uma autopercepção negativa. Ela se culpava pela falta de

disciplina para estabelecer e manter uma rotina, além de se ver repetidamente optando pelas escolhas mais difíceis em termos de avanço profissional, o que funcionava como signos inibidores.

Figura 1

Campo de Equifinalidade Polarizado (CEFP) – Maria Flor



Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Madalena

Ao final da entrevista, foi proposta à participante a tarefa de construir uma linha do tempo que descrevesse seus projetos para o ano corrente, bem como suas projeções para os próximos dez anos. No encontro seguinte, Maria Flor apresentou a representação dessa linha do tempo.

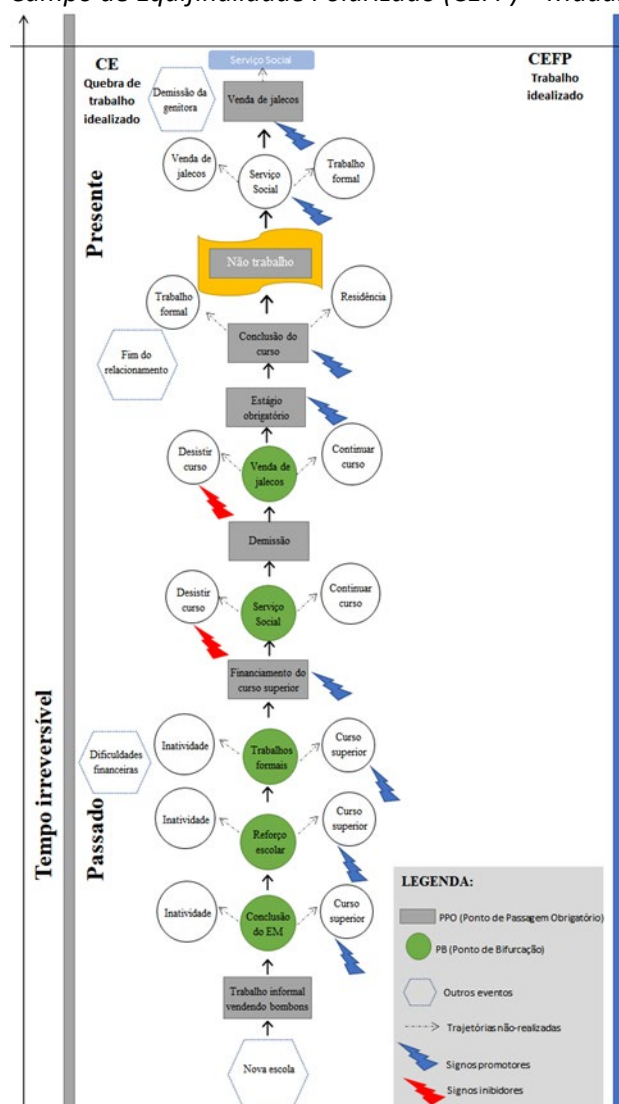
O ponto de chegada que orientou a construção da linha foi a ambição de, ao final de uma década, ocupar o cargo de professora universitária. No entanto, para lidar com as necessidades financeiras imediatas e construir um percurso que a levasse a essa posição, Maria Flor destacou a importância de se preparar para a aprovação em um concurso do IBGE, cujas inscrições estavam abertas naquele momento. Apesar de ter mencionado essa decisão, sua orientação no curto prazo era

voltada para atividades mais imediatas, como a venda de semijoias e a atuação como professora de aulas de reforço, para garantir sua subsistência.

Quanto ao seu conflito interno, Maria Flor reconheceu que seu objetivo era claro: continuar investindo em sua trajetória acadêmica, com o foco no projeto de doutorado. Contudo, ela relatou sentir-se pressionada pelas preocupações financeiras decorrentes do desemprego, bem como pelas cobranças de seus pais, que a confrontavam por sua situação de "não-trabalho". Apesar dessa clareza quanto ao seu objetivo, Maria Flor também revelou que sua paralisação diante do Bloqueio de Significação (BS) parecia ser fruto de uma autopercepção negativa. Ela se culpava pela falta de disciplina para estabelecer e manter uma rotina, além de se ver repetidamente optando pelas escolhas mais difíceis em termos de avanço profissional, o que funcionava como signos inibidores.

Figura 2

Campo de Equifinalidade Polarizado (CEFP) – Madalena



Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Ao final da entrevista, foi proposta a Madalena uma tarefa que consistia na construção de uma tabela intitulada "Assistente Social x Empreendedorismo." O objetivo era que ela preenchesse a tabela com aspectos como: as inseguranças associadas a cada uma dessas áreas, as características pessoais que facilitam ou dificultam cada escolha, projeções para os próximos anos em ambas as esferas, crenças limitantes que poderiam interferir em suas decisões e os potenciais identificados em cada frente.

Como resultado dessa atividade, Madalena relatou que o exercício proporcionou um distanciamento, permitindo que ela se observasse de uma perspectiva externa (signo promotor). Nesse sentido, o primeiro ponto que identificou foi a percepção de estar "engessada" em sua visão de que o Serviço Social só poderia ser exercido em equipamentos de assistência. Ela compreendeu, no entanto, que sua área de atuação é mais ampla, permitindo diferentes formas de trabalho e a possibilidade de mudar suas opiniões e interesses ao longo do tempo. Ao tomar consciência desses aspectos, Madalena mencionou que começou a estabelecer algumas metas que já vinha considerando antes da entrevista.

Essas metas, especificamente, estavam voltadas para sua preparação para o exame de residência multiprofissional em saúde. Mesmo após não ter sido aprovada na seleção anterior, o desejo de ingressar nessa formação permaneceu. Madalena decidiu, portanto, focar seus esforços para tentar novamente o exame da residência hospitalar em Serviço Social. Ela visualizou que, uma vez aprovada e formada, poderia incluir essa experiência em seu currículo, distribuir nos hospitais particulares e buscar uma vaga como assistente social.

No entanto, apesar dessa clareza sobre suas metas, Madalena relatou nas entrevistas subsequentes a dificuldade em manter uma rotina de estudos, especialmente diante das demandas urgentes de sobrevivência que exigem sua inserção imediata no mercado de trabalho.

Triangulação dos dados: aproximações e distanciamentos entre as participantes

Ao comparar ambos os casos, no que tange à configuração das trajetórias, observa-se que, frente ao contexto familiar de baixos recursos financeiros, o ingresso no ensino superior emergiu como um ponto de passagem obrigatória (PPO) para romper com a herança de trabalhos precários. Segundo Valsiner e Sato (2006), os PPOs, em conjunto com os campos de bifurcação (CBs), são pontos estruturantes na trajetória dos sujeitos. Simultaneamente, eles revelam uma permanência na consciência dessas participantes de que a educação formal é um meio eficaz para combater o desemprego e superar a pobreza (Heringer, 2018).

Ao mesmo tempo, a passagem por esses pontos possibilitou às jovens o encontro com campos de bifurcação. As escolhas delineadas a partir desses campos são imbricadas por ideais sociais, morais, normas e convenções, bem como por aspectos particulares da história de vida dos indivíduos (Valsiner

& Sato, 2006). No caso de Maria Flor e Madalena, o desejo de garantir uma inserção no mercado de trabalho em ocupações seguras, protegidas e bem remuneradas funcionou como um signo promotor — ou seja, um facilitador — na decisão de ingressar e continuar no ensino superior, apesar das dúvidas que ambas nutriram durante o processo (Valério, 2019).

Na transição complexa entre PPOs e CBs, outros signos promotores e inibidores emergiram ao longo das trajetórias das participantes. No caso de Maria Flor, quando se deparou com a falta de identificação com o curso de Publicidade e Propaganda, tanto o processo de reorientação profissional quanto as informações fornecidas por um professor das Ciências Sociais atuaram como signos que facilitaram sua decisão de continuar na trajetória acadêmica naquele momento.

No entanto, signos inibidores também foram identificados, tanto no passado quanto em seu campo de equifinalidade (CE) atual, no momento da pesquisa. Em relação ao passado, a falta de identificação com as atividades de estágio atuou como signo inibidor, gerando angústia e paralisia quanto à continuidade no curso. No presente, as pressões financeiras de seus pais, que exigem sua contribuição para as despesas domésticas, e a incompreensão por parte deles sobre sua situação de desemprego perpetuam um bloqueio de significação (BS), tornando difícil para Maria Flor vislumbrar possibilidades de ação (Valério, 2019). Como apontado em estudos prévios, a busca frustrada por emprego tem implicações profundas na saúde mental dos jovens (Ayala, García, & Ponte, 2016; Schmidt, Januário, & Rotoli, 2018).

A realidade atual das participantes revela uma desconexão entre suas idealizações passadas e as condições do mercado de trabalho. Essa ruptura manifesta-se em bloqueios de significação, que dificultam a escolha de um caminho em meio ao campo de bifurcação no qual se encontram.

A partir da reconstrução das trajetórias, com base na Teoria da Emergência de Significados (TEM), foi possível delinear a experiência de não atuar na área de formação como uma vivência dramática, intensificada pela presença de signos inibidores no contexto social de desenvolvimento (Vygotsky, 1991). No caso de Madalena, a intervenção conduzida pela pesquisadora funcionou como um signo promotor, permitindo que ela superasse seu bloqueio de significação ao compreender a diversidade de possibilidades de atuação na área de Serviço Social. Já Maria Flor, embora tenha identificado interesse em continuar na área de Publicidade e Propaganda, enfrentou dificuldades para superar o bloqueio de significação, pois as exigências de seus pais para contribuir financeiramente tornaram seu processo de decisão mais complexo.

Por fim, destaca-se que, embora o drama experimentado por ambas as participantes se manifeste na esfera individual, sua origem é social. Em diversos momentos de suas trajetórias, a limitação de vagas tanto em programas de pós-graduação quanto no mercado de trabalho foi determinante para a dificuldade de inserção nas suas áreas de formação. O desalento, nesses dois

casos, resultou em sofrimento e frustração, impulsionando-as a buscar o trabalho informal como estratégia viável para gerar renda (Alves & Fonseca, 2013).

A impossibilidade de explorar outras opções de carreira por um período mais longo, devido às necessidades materiais, reforçou o papel da informalidade em suas histórias. A única alternativa vislumbrada por ambas é a continuidade dos estudos, mesmo que almejem empreender. Todavia, cabe questionar: até que ponto essa é uma estratégia eficaz para garantir a tão desejada inserção no mercado de trabalho?

Considerações Finais

Conforme discutido, a presente pesquisa aborda o desalento a partir da perspectiva da psicologia histórico-cultural, articulando-o com as estratégias de reelaboração vivencial de jovens diante da frustração em relação ao trabalho projetado. Assim, é possível afirmar que o desalento transcende definições meramente econômicas e normativas, abrangendo as frustrações subjetivas que cada indivíduo enfrenta em sua trajetória, considerando sua situação de desenvolvimento social (Martins, 2020). Nesse contexto, concluímos que o desalento se configura como uma produção histórico-cultural resultante da permanência do indivíduo em um estado de frustração em relação a um trabalho idealizado, em uma cultura que valoriza o trabalho como atividade produtiva, de ascensão profissional e construção de carreira. O desalento, portanto, é um sinal de esgotamento e impotência.

No âmbito individual, observa-se a tentativa dos jovens entrevistados de criar narrativas de longo prazo, alinhadas a valores que remetem à antiga estabilidade nas carreiras profissionais. No entanto, o mercado de trabalho atual já não se alinha a esse modelo. Hoje, ele caracteriza-se pela ausência de garantias e pela promoção de uma vida incerta: da formalidade à informalidade, do desemprego à precarização, perpetuando a permanência na informalidade — isto é, sem garantias ou projeções de futuro. Essa compreensão permite, inclusive, ampliar a definição de desalento, pois não são apenas os jovens que vivenciam a quebra de expectativas em relação aos trabalhos que idealizaram.

Nesse sentido, é pertinente afirmar que as participantes deste estudo refletem a dinâmica do precariado, conceito introduzido por Standing (2014). Embora essa categoria não tenha sido abordada de forma direta neste texto, é inegável que as experiências relatadas pelas participantes se aproximam do que Standing descreve. Exemplos dessa dinâmica incluem a insegurança quanto ao futuro, a falta de assistência do Estado e a frustração.

Por um lado, trata-se de uma categoria da classe trabalhadora que encarna o desalento em múltiplos níveis. Por outro, essa mesma categoria tem impulsionado as lutas contra a precarização ao longo das últimas duas décadas (Standing, 2014; Braga, 2017). Assim, um aspecto a ser explorado em

futuras pesquisas com essa população, com base na metodologia proposta, é identificar como ocorre a transição, nessas vivências, da frustração à luta por direitos.

Ou, em contrapartida, se as trajetórias se paralisam em determinados momentos por bloqueios e fatores impeditivos (como signos inibidores), drenando a energia contida em sonhos e expectativas e resultando em um estado de vazio e paralisia, isto é, desalento profissional. Essa configuração representaria a faceta sombria do desalento, pois, no plano pessoal, manifesta-se como esvaziamento e aceitação de um estado de coisas, enquanto, no plano social, perpetua e reforça a precarização. Sem alternativas e incapazes de imaginar ou considerar possibilidades, os jovens acabam aceitando e se submetendo a trabalhos que pouco ou nada utilizam do conhecimento adquirido em sua formação.

O capitalismo parece moldar o drama e as rupturas vividas pelos indivíduos, o que convoca a psicologia a se posicionar diante dessa realidade. A atuação de psicólogos na orientação e reorientação profissional, ou em espaços de circulação de jovens, pode desmistificar a compreensão acerca de carreiras, sucesso e futuro. Tais iniciativas podem auxiliar os jovens a se prepararem para enfrentar a dimensão do trabalho nas condições atuais. Isso implica, na prática, ocupar espaços em cursos preparatórios para o ENEM, nas escolas e universidades, promovendo uma orientação profissional crítica que ajude a construir narrativas e, conseqüentemente, enfrentar a possibilidade de desalento.

Entretanto, é crucial que essas possibilidades de enfrentamento considerem as particularidades dos públicos juvenis a que se destinam. As jovens participantes desta pesquisa representam um recorte específico das experiências de desalento, que estão intrinsecamente ligadas às condições socioeconômicas e de gênero. Assim, surge a necessidade de investigar como jovens de famílias que podem financiar sua formação e que vivenciam comportamentos exploratórios de carreira experienciam o desalento, caso o façam.

Além disso, é urgente explorar as vivências de jovens de outros níveis educacionais e de adultos que enfrentam o desalento como um drama sem saída aparente. A ampliação da compreensão desse fenômeno pode trazer contribuições significativas para as áreas de orientação e reorientação profissional. Mais ainda, pode informar a compreensão e a incidência política sobre uma categoria que se posiciona como uma contratendência à negação do futuro fomentada nas atuais relações capitalistas.

Referências Bibliográficas

Abrantes, A. A., Bulhões, L. (2016). Idade adulta e o desenvolvimento psíquico na sociedade de classes: Juventude e trabalho. In L. M. Martins, A. A. Abrantes, M. G. D. Facci (Orgs.), *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: Do nascimento à velhice* (pp. 241-265). Autores Associados.

- Alves, G., & Fonseca, D. (2013). O movimento social do precariado, carência de futuridade e necrose do capitalismo de bem-estar social em Portugal. *Projeto História*, 46, 91-114. <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/17130/13752>
- Ayala, I., García, G., & Ponte, J. (2016). Realidades, percepciones y expectativas en torno a la emancipación juvenil de egresados universitarios. Caso: egresados de la Universidad Católica Andrés Bello en el año 2013. *Revista sobre Relaciones Industriales y Laborales*, 52, 35-71. <https://revistasenlinea.saber.ucab.edu.ve/index.php/rrii2/article/view/4382/3628>
- Bastos, A. C. S. (2016). Shadow trajectories: The poetic motion of motherhood meanings through the lens of lived temporality. *Culture & Psychology*, 23(3), 408-422. doi: [10.1177/1354067X16655458](https://doi.org/10.1177/1354067X16655458)
- Bendassolli, P. F., & Guedes Gondim, S. M. (2014). Significados, sentidos e função psicológica do trabalho: Discutindo essa tríade conceitual e seus desafios metodológicos. *Avances en psicología latinoamericana*, 32(1), 131-147. <http://dx.doi.org/10.12804/apl32.1.2014.09>
- Bernardim, M. L. (2013). *Juventude, escola e trabalho: Sentidos atribuídos ao ensino médio integrado por jovens da classe trabalhadora* (Tese de doutorado). Recuperado de <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/34679>
- Braga, R. (2017). *A rebeldia do precariado*. Boitempo Editorial.
- Cruz, E., & Pereira, C. (2021). Rebeldes com causa: A juventude como agente de mudança social numa perspectiva histórica europeia. *Conhecimento & Diversidade*, 13(29), 37-49. <https://doi.org/10.18316/rcd.v13i29.7085>
- Ericson, S. (2019). Desalento: Efeito de sentido da ofensiva neoliberal sobre o trabalho. *Entremeios: Revista de Estudos do Discurso*, 20, 45-60. <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol20pagina45a60>
- Felinto, T. M., Gauer, G., Rocha, G. B., Braun, K. C. R., & Dias, A. C. G. (2020). Eventos de vida e construção da identidade na adultez emergente. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(2), 500-518. doi: <http://dx.doi.org/10.12957/epp.2020.52582>.
- Heringer, R. (2018). Democratização da educação superior no Brasil: Das metas de inclusão ao sucesso acadêmico. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 19(1), 7-17. <http://dx.doi.org/10.26707/1984-7270/2019v19n1p7>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). *Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população Brasileira - 2018*. Brasília: IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2023). *Indicadores IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua*. Brasília: IBGE.

- Martins, L.M. (2020). Desamparo e sociedade capitalista: O que a psicologia tem a dizer? In S. C. Tuleski, A. F. Franco, & T. M. Calve (Orgs.), *Materialismo histórico-dialético e psicologia histórico-cultural: Expressões da luta de classes no interior do capitalismo* (pp. 155-170). EduFatecie.
- Merino, M. D., Privado, J., & Arnaiz, R. (2019). Is there any relationship between unemployment in young graduates and psychological resources? An empirical research from the conservation of resources theory. *Journal of Work and Organizational Psychology*, 35, 1-8. <https://doi.org/10.5093/jwop2019a1>
- Molenaar, P. C. M., & Valsiner, J. (2005). How generalization Works through the single case: A simple idiographic process analysis of an individual psychotherapy case. *International Journal of Idiographic Science*, 1, 1-13.
- Oshiro, F., & Marques, R. M. (2016). O conceito de desemprego e sua medição no século XX. *Textos & Contextos*, 15(2), 293-307. <https://doi.org/10.15448/1677-9509.2016.2.25347>
- Sato, T., & Tanimura, H. (2016). The Trajectory Equifinality Model (TEM) as a general toll for understanding human life course within irreversible time. In T. Sato, N. Mori, & J. Valsiner (Eds.), *Making of the future: The Trajectory Equifinality Model approach in cultural psychology* (pp. 21-42). Information Age Publishing.
- Schmidt, M. L. G., Januário, C. A. R. M., & Rotoli, L. U. M. (2018). Sofrimento psíquico e social na situação de desemprego. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 21(1), 73-85. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v21i1p73-85>
- Silva, R. (2011). *A biologização das emoções e medicalização da vida: Contribuições da psicologia histórico-cultural para a compreensão da sociedade contemporânea* (Dissertação de mestrado). Recuperado de <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/3034>
- Souza, J. (2009). *Ralé brasileira: Quem é e como vive*. Editora UFMG.
- Stake, R. E. (1995). *The art of case study research*. Sage.
- Stanging, G. (2014). *O precariado: a nova classe perigosa*. Editorial Presença.
- Tommasi, L. (2012). Nem bandidos nem trabalhadores baratos: Trajetórias de jovens da periferia de Natal. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, 5(1), 101-129. <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7290>
- Trancoso, A. E. R., & Oliveira, A. A. S. (2014). Produção social, histórica e cultural do conceito de juventudes heterogêneas potencializa ações políticas. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 137-147. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100015>
- Valério, T. A. M. (2013). *“O filho adotivo não vem de fora, vem de dentro”: Um estudo sobre trajetórias de vidas e a construção de significados sobre a decisão de adotar na perspectiva da psicologia*

- cultural semiótica* (Dissertação de mestrado). Recuperado de <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10244>
- Valério, T. A. M. (2019). *Planejando uma aula de música: Processos imaginativos em ação* (Tese de doutorado). Recuperado de https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFPE_6336f0c59cbb865dd76d9884905b18c4
- Valsiner, J. (2012). *Fundamentos de uma psicologia cultural: Mundos da mente, mundos da vida*. Artmed.
- Valsiner, J., & Sato, T. (2006). Historically Structured Sampling (HSS): How can psychology's methodology become tuned in to the reality of the historical nature of cultural psychology? In J. Straub, C. Kölbl, D. Weidemann, & B. Zielke (Eds.), *Pursuit of meaning. Advances in cultural and cross-cultural psychology* (pp.215-251). Trankript.
- Veresov, N. (2017). The concept of perezhivanie in cultural-historical theory: Content and contexts. In M. Fleer, F. González-Rey, & N. Veresov (Eds.), *Perezhivanie, emotions and subjectivity: Advancing Vigotski's legacy* (pp. 47-70). Springer. doi: [10.1007/978-981-10-4534-9](https://doi.org/10.1007/978-981-10-4534-9)
- Vigotski, L. S. (1991). *Obras escogidas: Tomo IV*. Antonio Machado Libros.
- Vigotski, L. S. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2013). *Obras escogidas:- Tomo V: Fundamentos de defectologia*. Antonio Machado Libros.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (3a ed.). Bookman.